

Democracia e bagunça

JOSÉ CARLOS GRAÇA WAGNER

Anc

*Secao
Revolucioes*

A prova que as elites —no sentido exato daqueles que tiveram oportunidade de desenvolver os seus dons e por isso têm maior responsabilidade em relação à vida social— estão cada vez mais se omitindo, está no comentário do presidente nacional do PMDB, em relação à bagunça organizada na Convenção do PMDB, com a sua exclamação: “Como é bonita a democracia”. O pior é que não há sinceridade nisso. Nem dele nem de tantos e tantas que hoje escondem as suas verdadeiras convicções para posar de populares, de progressistas, de defensores dos valores populares. As elites nada fazem, pelo exemplo ou pela ação, para que o povo cresça e participe, efetivamente, dos bens da civilização. Isto exige uma vida de dedicação, pois impõe um esforço de formação, de educação, cujos frutos não podem ser colhidos nem na próxima eleição, nem na próxima estação. É mais fácil manipular os preconceitos e aderir, para fins externos, aos hábitos e distorções que decorrem do preconceito, da ignorância a que foram relegadas as camadas populares, da incivilidade e da incompreensão dos valores de

convivência aos quais só se chega através de um esforço educativo.

Trata-se de uma opção que eterniza as insuficiências humanas das classes que tiveram menos oportunidades —ou nenhuma—, que são induzidas a permanecer no nível em que estão, como se a miséria, a pobreza, a ignorância, a brutalidade no trato, a bagunça, fossem valores e não desvalores. De novo, isto é conveniente para as elites demissionárias, porque o difícil é ajudar a crescer. Mas para isso é preciso ter crescido antes, por dentro e por fora, porque ninguém dá o que não tem. A demissão geral da obrigação de educar, por parte dos governantes, dos professores, dos pais, dos políticos, dos sacerdotes, em benefício de uma verdadeira inundação verbal de preconceitos, com um sentido malicioso de manipular os que seriam os pretensos beneficiados dessa pregação negativa e criminosa, com um grau de cinismo que justifica uma indignação cívica, vai levar este país a uma civilização da bagunça. Da bagunça e do atraso. E acabará forçando a emigração dos que conseguirem ultrapassar a barreira do atraso men-

tal de que as elites falseadas estão possuídas para poderem viver em ambientes onde exista um mínimo de racionalidade e de valores superiores, a que todos, sem distinção, estão destinados.

Nessa omissão generalizada e conveniente, se faz crer, como justificativa, que exercitar a autoridade ou fazer respeitar a ordem jurídica, em qualquer nível, é sinônimo de autoritarismo. Faz-se crer que a defesa de qualquer ordem moral é sinônimo de moralismo. Propaga-se que a crença em qualquer verdade nada mais é do que dogmatismo. Mas não se detém a perceber que defendem, pela negação dos valores, os dogmas dos desvalores. Defendem a anarquia, como se democracia fosse; o amoralismo e o imoralismo, como se representassem a liberdade, embora obriguem a todos a aceitar todas as espécies de distorções, inclusive o homossexualismo, como se exprimissem direitos da pessoa humana e não formas de destruição da natureza do homem. Substituem os dogmas que estão impressos na natureza humana pelos dogmas convenientes do subjetivismo de cada um tornando impossível a vida social. Qualquer tipo de

ordem é apresentada como ditatorial e com isso abrem as portas para o permissivismo mais absoluto, para todas as desordens individuais e coletivas, imaginando-se campeões das liberdades populares.

Lamentavelmente, o que se vê —a Constituinte e a Convenção do PMDB só podiam expressar essa triste realidade atual— comprova que este é um novo campeonato mundial em que o Brasil está alcançando, desbancando a até hoje invicta Uganda de Idi Amin e a República Centro Africana do Imperador Bokassa.

A esperança está numa outra elite, também omissa, silenciosa, que, todavia, não está comprometida com a “construção” dessa balbúrdia de que são responsáveis tanto o governo como a oposição que, de certo modo, se ajustaram principalmente depois de 1968, dentro de arremedos partidários que contribuíram para que as conveniências fossem mantidas e que a insinceridade passasse a ser o instrumento fundamental da manutenção do poder político.

JOSÉ CARLOS GRAÇA WAGNER, advogado, é presidente do Instituto de Estudos da Liberdade no Direito e na Economia (Libertas)